

"Escrevo com sofrimento, não sou um poeta inspirado. Poesia para mim é muito trabalho", insiste Manoel de Barros diante de uma certa tendência que pretende considerá-lo uma espécie de voz primeira do Pantanal, destinada a cantar a exuberância da paisagem mato-grossense, um poeta da natureza, quase ecológico. "Minha literatura não invoca o Pantanal, minha palavra é puramente literária", confessa. "Tenho um lastro substantivo, não sou adjetival." O poeta confessa: "Em tudo o que escrevo é de mim que estou falando. Todo poeta é um narcisista e eu sou ainda mais que os outros. Só que o texto se censura, não deixa o narciso aparecer demais, ele tapeia. O texto é uma tapeação de mim".

Não obstante, declara: "Prezo a natureza mais do que qualquer um. Minha essência humana está encostada à natureza. Mas sou poeta: trabalho com palavras. Não sou ecologista". O poeta se arrisca: "Ecologia? Não tenho o menor interesse. O que importa é a elaboração poética, e não a paisagem, gosto mesmo é de mexer com as palavras, buscar a ressonância verbal, o ritmo. O campo fônico das palavras tem muita importância para mim". Declaração de princípios que rejeita a tentativa de folclorização de uma das obras poéticas mais originais surgidas no Brasil a partir da herança modernista. Ele é um poeta cuja formação se processou em contato com o ambiente intelectual mais sofisticado de sua época – Manoel viveu 40 anos no Rio de Janeiro –, à custa de um esforço pessoal meticuloso e continuado ao longo de muitas décadas.

Manoel de Barros é também poeta de variada leitura. Frequentou com assiduidade desde os clássicos da língua – Vieira, Machado, seus favo-ritos – aos autores franceses e anglo-saxônicos, na sua língua original, e se contagiou das conquistas estéticas da modernidade, perfazendo o traçado característico do homem culto de seu tempo. "Comi o prato diário que era servido ao intelectual brasileiro de minha época", relembra os tempos de estudante de direito e leitor ávido de tudo, frequentador da Biblioteca Nacional.

Nada de inspiração, espontaneísmo, "um certo cheiro do Pantanal" é o máximo que ele admite em si próprio e na sua poesia. Afinal, foi lá que ele experimentou as primeiras sensações da vida e onde permaneceu

até os oito anos de idade, filho de um desbravador que se internou com mulher e filhos naquelas vastidões em busca de novas oportunidades de vida. "O beco da Marinha, onde nasci, não existe mais. Meu pai, João Venceslau de Barros, descendente de índios, tinha ali uma vendinha. Minha mãe, Alice, era filha de portugueses", conta o poeta, que com dois meses de vida foi levado com os irmãos para Corumbá, "porta de entrada do Pantanal, margeada pelo rio Paraguai", e de lá para o interior do Mato Grosso, região mitológica, cheia de mistérios a serem desvendados.

"Meu pai foi chamado para trabalhar numa fazenda, onde sua primeira função foi a de arameiro. Ele se instalava com a família num rancho e a partir dali iniciava a construção de uma cerca de arame, demarcando a propriedade. Uns 15, 20 quilômetros adiante, transferia o rancho para onde estava o final da cerca, e recomeçava. Vivíamos ali até a próxima transferência. Fui criado no terreiro, entre bichos do chão e sapos."

Talvez daí possa advir seu encantamento pelo mundo quase microscópico de lesmas, caramujos e pregos enferrujados, contrastante com a exuberância da paisagem ao redor. Para Manoel, essas referências são inconscientes, têm a profundidade da infância, "a pátria da gente, que atravessa a minha obra desde o primeiro até o último verso. A infância está desmanchada na nossa experiência, são as nossas raízes".

PADRE FRANCÊS FOI PRIMEIRO PROFESSOR DE "AGRAMÁTICA"

Chegados os dois primeiros filhos – Antonio e Manoel – à idade de frequentar escola, João Venceslau já estava em condições de custear-lhes os estudos e não teve dúvidas: matriculou os meninos no colégio marista São José, no Rio de Janeiro. Manoel tinha então oito anos e iniciou um longo período de solidão, afastado da família, enclausurado no internato sem outra opção senão a leitura ou a conversa ociosa. "Nos fins de semana o internato se esvaíava e os colegas que ficavam recebiam visitas. Menos eu, minha família morava tão longe que não cabiam visitas."

Nessa ocasião tornou-se amigo do padre Antoiné, seu diretor espiritual, um francês esquisito, marginalizado e sem qualquer prestígio na comunidade, mas extremamente culto. Ele aparece com o nome de Ezequiel num dos poemas de Manoel de Barros ("foi o meu primeiro professor